

REFERÊNCIA:

VOLPI, SANDRA MARA. **Psicopedagogia reichiana**. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.
Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

=====

PSICOPEDAGOGIA REICHIANA

Sandra Mara Volpi

Ao observarmos um bebê em seus primeiros dias evidencia-se a nossos olhos que a vida é uma incessante construção, cujas bases começam a se formar no momento da concepção, estendendo-se por toda a vida intra-uterina. É sobre essa base e, a partir do impacto que nela causa o contato com o mundo circundante, com a cultura, que vemos construir-se, dia após dia, um ser humano que será único. Não raro, ouvimos mulheres e homens afirmarem, do ponto de vista de seus papéis de mães e pais, que nunca um filho é igual ao outro. Nenhuma base é similar a qualquer outra; o que sobre ela se constrói depende de inúmeros fatores, desde a própria base até a escolha de cada um dos elementos que terão influência na construção.

Já a partir do nascimento, o ser humano se depara com inúmeras situações, frente as quais a ação deve concretizar-se rápida e eficazmente, no sentido de garantir o equilíbrio entre o ambiente e si mesmo. Tais situações podem e devem ser vistas como grandes oportunidades de evolução, mas quais o ser humano é capaz de aprender, através da experiência. E as aprendizagens que surgem destas experiências são armazenadas, podendo ser acessadas a qualquer momento, sempre que a realidade assim o exigir. Neste sentido, a aprendizagem é a mais econômica das condutas, em termos energéticos. Uma de nossas primeiras aprendizagens diz respeito ao vínculo que podemos estabelecer com outros seres humanos. É possível afirmar que essa aprendizagem já se faz presente antes do nascimento. Através da qualidade de contato entre a mãe e seu bebê após o nascimento, esse contato continua, a princípio, ainda muito fortemente com a mãe e depois com outras pessoas (pai, irmão, etc). A criança aprende a funcionar, em termos de vinculação, perante a qualidade deste primeiro contato. Os vínculos que se seguem, terão como matriz de funcionamento o contato materno. Dessa forma, se o contato com a mãe é caloroso, íntimo e verdadeiro, é assim que a criança irá se relacionar com outros objetos de seus desejos. Por outro lado, se o contato é frio, distante e artificial, também o será no futuro.

Estamos falando aqui da primeira fase do desenvolvimento emocional, cuja idéia partiu de Reich (1995) e foi denominada por seu discípulo, Baker (1980), como fase ocular. A aprendizagem dessa fase é exatamente o vínculo. A fase seguinte, no desenvolvimento emocional do ser humano, é a oral. Nela a criança aprende a depender da nutrição que a mãe proporciona. Fala-se aqui de uma nutrição que não é somente fisiológica, mas também psicológica. Quando o final dessa nutrição que é a amamentação, aproxima-se, é hora da criança aprender a não mais depender, a sustentar-se através de seus próprios meios. Com a introdução de novos alimentos, a criança torna-se mais ativa no processo de alimentação. A aprendizagem, aqui, é, então, a da sustentação.

A criança cresce, alcança a mobilidade e a motilidade. Agora, é capaz de andar... o mundo se amplia e ela tem a liberdade de percorrê-lo. É o momento de decidir que rumo tomar, para onde ir, quando se afastar da mãe. Ao mesmo tempo em que tudo isso traz grandes possibilidades, traz também tristeza. A criança não precisa mais depender do "colinho" da mamãe que, enquanto a carregava, dava-lhe também aconchego. A aprendizagem será tornar-se independente, sem isolar-se. Outra função que sobrevém nessa mesma época é o controle esfinteriano. A atividade do organismo passa a estar mais presente, a consciência dessa atividade aumenta e a criança volta a atenção para a sua produção. Percebe que é capaz de controlá-la. A fase é chamada de anal. As aprendizagens desse momento são produtividade e controle.

Com a descoberta da sexualidade, a criança entra na fase fálica. Começa a explorar seu corpo e a compará-lo com outros corpos, como o do pai, da mãe, dos irmãos e colegas. Tem a possibilidade de identificar-se, o que se torna a aprendizagem desse momento de vida. Essa aprendizagem será complementada pela função sexual, descoberta na fase genital, quando deixa de ser criança para se tornar um jovem, um adulto. Assim, a aprendizagem está sempre presente. Muitas vezes, quando ouvimos essa palavra – aprendizagem – remetemos nossa atenção aos bancos escolares. É claro que a aprendizagem está presente lá; mas está também em todos os outros momentos de nossas vidas. Em geral, somente um problema na escola é que nos leva a falar sobre “dificuldades de aprendizagem”, mas, se ampliarmos a visão de aprendizagem para além da escola, vemos que essas dificuldades podem surgir a qualquer momento. A psicopedagogia propõe-se a compreender e buscar soluções para essas dificuldades.

Uma visão reichiana da psicopedagogia propõe algo além: compreender a dificuldade no âmbito do desenvolvimento emocional do ser humano. Assim, admite-se que a cognição, ou seja, a possibilidade de conhecer, por meio da inteligência, possa ser influenciada pela falta de estímulos essenciais a esse desenvolvimento. Parte-se do princípio que as mais diversas experiências são adquiridas no contato com o mundo e que o instrumento para tal é o corpo. Cada uma das fases do desenvolvimento se relacionam diretamente com um dos segmentos corporais propostos por Reich (1995): ocular, oral, cervical, torácico, diafragmático, abdominal e pélvico. Sempre que há um entendimento em uma das fases do desenvolvimento, este registra-se não apenas nas condutas, mas também no corpo, gerando tensões e interrupções no fluxo energético.

Desta forma, é imprescindível compreender qual o significado da aprendizagem para a criança ou adolescente que é levado a um tratamento psicopedagógico. Algumas vezes aprender pode ser “fazer contato com o mundo”, e esse contato, uma vez ameaçador, é evitado. Em outras situações, aprender pode estar levando a criança ou o adolescente a “tornar-se independente” e a ter que “se sustentar” por si próprio. São muitas as situações em que não se acredita na própria potencialidade para se sustentar, ou ainda, há um desejo familiar de que a situação de dependência nunca termine. Aprender também tem relação com “produzir”, e não raro, isto pode estar relacionado a não mais responsabilizar outras pessoas pela própria produção, o que pode ser ameaçador. A partir da compreensão do significado, o passo seguinte é localizar no corpo o bloqueio à aprendizagem. Por fim, o objetivo é reativar o vínculo da criança ou adolescente com a sua infinita possibilidade de aprender e evoluir. É claro que também existem as situações em que obstáculos no funcionamento da inteligência, atrasos na construção das estruturas que permitem o conhecimento, ou ainda dificuldades pedagógicas, entre outros, impedem que aprendizagens concretizem-se, mas desde o aparecimento das primeiras dificuldades até a decisão de se recorrer a um tratamento psicopedagógico, em geral, muitas situações danosas à saúde emocional já foram vividas.

A visão da chamada “dificuldade de aprendizagem”, neste sentido, considera a fase de desenvolvimento em que a aprendizagem ficou comprometida e o segmento corporal relacionado a essa fase e, ainda, o significado emocional do bloqueio no segmento corporal, frente à aprendizagem. Na prática, a psicopedagogia reichiana busca preencher as lacunas que restaram dos comprometimentos no desenvolvimento, através de técnicas da psicopedagogia tradicional, acrescida da abordagem corporal. Neste sentido, o terapeuta tem a função de proporcionar espaço e tempo para a rematização das experiências necessárias à retomada do crescimento.

REFERÊNCIAS

BAKER, E. O labirinto humano: as causas do bloqueio da energia sexual. São Paulo: Summus, 1980.

REICH, W. *Análise do caráter*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.